

Paisagem, turismo e planejamento urbano. O potencial dos centros históricos como atratividade turística: um estudo sobre a paisagem da cidade de Pelotas, RS

LIHTNOV, Dione Dutra
Universidade Federal de Pelotas

VIEIRA, Sidney Gonçalves
Universidade Federal de Pelotas

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Pelotas já foi à referência socioeconômica do estado em seus anos dourados da atividade charqueadora. Fábricas, grandes casarões, riquezas, uma opulência que acabou ficando perdida no tempo, restando somente as paisagens de um tempo de glória que marca não só o pensamento de quem presenciou este recorte histórico, como também mobiliza a imaginação de uma nova geração que guarda este saudosismo de outras épocas no seu espírito. Desta forma, ao analisarmos a representação e reprodução deste espaço, a paisagem surge como um elemento dinâmico que se transforma com o tempo, entretanto suas formas permanecem preservadas a espera de uma nova função, uma recolocação na sociedade. Como parte deste processo surge à temática da requalificação, planejamento e turismo urbano. Em virtude das diversas transformações socioeconômicas que estas paisagens foram submetidas, ao longo da história, esses centros, outrora tradicionais, acabaram perdendo seus atributos de centralidade para outras áreas, ocasionando na sua degradação. Desta forma, utilizando-se da geografia como uma ferramenta que dentre suas múltiplas funções abarca o planejamento urbano, com a finalidade de estruturar a cidade, respaldando a importância deste ao planejamento turístico, o presente projeto teve como objetivo geral, a análise da revitalização da paisagem urbana histórica da cidade de Pelotas, enquanto atrativo turístico, e suas diversas possibilidades dentro do campo sociocultural.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A elaboração desta pesquisa teve por base uma revisão bibliográfica, fundamentada em autores de diversos campos da Geografia e História, cuja finalidade se justifica na elucidação dos conceitos que nortearam a realização deste estudo, assim como a apreciação empírica dos objetos deste estudo: O centro histórico da cidade de Pelotas, juntamente com o bairro Porto. Em meio a este aprofundamento teórico, se fez necessário a saída ao campo, com a finalidade de realizar a observação do objeto de estudo em questão, onde se praticou à coleta de dados e observação da paisagem, a fim de se ter melhor conhecimento do tema proposto, obtendo informações relevantes e consistentes à realização desse estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A produção do espaço urbano pelotense traz consigo uma íntima relação com a produção histórica de sua sociedade. Sendo assim, se torna inviável compreender a sua configuração espacial contemporânea sem nos remetermos ao passado dessas relações sociais que conceberam tal produção material. Entretanto, Pelotas parece apresentar certa particularidade nesta analogia com o passado, sobretudo por elementos espaciais que persistem em permanecer na paisagem urbana. Estes são simbolizados por grandes conjuntos arquitetônicos e alguns prédios isolados, que se misturam no imaginário cotidiano, exercendo grande poder simbólico, que ao mesmo tempo em que nos permitem viajar no tempo, também idealizam uma grande resistência a renovação. O apego ao passado se tornou uma tradição entre o povo pelotense, um sentimento tão forte que contagia até os visitantes que gozam desta nostalgia, que perdura na paisagem urbana, principalmente do centro urbano tradicional. Apesar de o centro guardar os elementos mais acentuados da paisagem, estes não se encontram restritos somente a esta localidade da cidade. Partindo do extremo sul, ao longo do canal São Gonçalo, nos deparamos com a zona portuária da cidade de Pelotas e o bairro Porto, que carrega consigo o mesmo nome e uma importante parcela da história deste povo. Esta região desempenhou um importante papel socioeconômico a cidade, durante o período das charqueadas, sendo o terceiro loteamento que deu origem a cidade de Pelotas, o “sítio da Calheca”¹, onde hoje se encontra o Porto. Atualmente, sua paisagem e formas passam por um lento e gradual processo de revitalização urbana, iniciado nas duas últimas décadas. Entretanto o que se observa ainda é uma cidade em ruínas, com certo “ar fantasmagórico”, antigas instalações fabris caindo aos pedaços, um cenário surreal e melancólico. Mas, que para quem vive e transita por entre estes prédios e ruas, de uma paisagem envelhecida, possuem um grande valor, mesmo que não seja comercial, mas sentimental. Talvez este seja o principal motivo para esta região estar em ruínas há décadas.

Da maneira como abordamos o tema, parece que a nostalgia norteia o rumo pelotense, mas é óbvio que ao longo de sua história a cidade cresceu, incorporando novos elementos, de diferentes tempos, em sua paisagem. Sabe-se que a malha urbana reproduz as relações da sociedade capitalista. Dessa forma, é apropriado afirmar que o planejamento urbano da cidade se deu em função de uma época de pujança econômica, um período que hoje existe somente no imaginário nostálgico, mas que foi determinante para o surgimento do centro urbano, de onde se expandiu a forma da planta urbana, de traçado xadrez.

Um fato que deve ser levantado, é que se percebe um culto demasiado ao passado dentro desta sociedade, entretanto, este fator não é explorado dentro de suas oportunidades, de uma forma contundente. Pode-se observar que o cenário das cidades, atualmente, é extremamente competitivo, em função do sistema capitalista, uma vez que as cidades necessitam se destacar, apresentar um “diferencial”. Dentro deste contexto, a apreciação do patrimônio e cultura local tem ganhado um grande destaque no cenário global. Ao andar pelas ruas e observar essa paisagem me pergunto o porquê de não se ter um planejamento urbano mais incisivo, que valorize essa história que é tão venerada localmente, cultivando

¹ Há que se ressaltar que o sítio original foi o loteamento nas terras de Antonio Francisco dos Anjos e depois nas terras de dona Mariana Eufrásia da Silveira. Somente o terceiro loteamento ocorreu no “sítio da Calheca”, onde hoje se encontra o Porto.

a atividade turística, de maneira mais acentuada como se observa em cidades com histórias semelhantes e que, com uma visão diferente, conseguiram atingir a preservação do seu patrimônio histórico, de suas memórias e cultura, ao mesmo tempo em que transformaram essa herança em uma mercadoria altamente valorizada e lucrativa. Nada impede que ao lado deste “saudosismo” consolidado em uma rica arquitetura se caminhe em direção ao futuro, da pós-modernidade. Reflito aqui em espaços culturais como museus, ambientes para feiras e exposições, entre outros.

Diversas cidades históricas que após atingir seu ápice no período colonial, estiveram adormecidas durante décadas, acabaram por se redescobrir com auxílio da indústria turística, transformando suas edificações que estavam entregues às intempéries do tempo. Podem-se citar algumas cidades como Olinda, Ouro Preto, Parati e Tiradentes, que se constituíram a partir de um ciclo econômico forte, como o do charque em Pelotas, e asseguraram seu patrimônio urbano. Não se deve ser ingênuos de acreditar que essas cidades se reergueram apenas com o planejamento urbano moderno. Quase que a totalidades desses centros históricos estão sustentados em uma forte base econômica, que lhes mune “sobrevivência”, fornecendo o subsídio e infra-estrutura apropriada à preservação de seu patrimônio cultural e histórico, como o caso de Ouro Preto, onde Belo Horizonte serve como capital de referência. Esse é um dos desafios que deveria ser pensado de forma mais crítica no projeto de preservação patrimonial em Pelotas, a construção de uma aliança mais forte com outros centros urbanos. No nosso caso, com a capital Porto Alegre, por exemplo, de uma identidade aquém dos limites da cidade, um marketing forte que possa trazer novos olhares para dentro deste “passado”, valorizando os centros de preservação e a cultura local. Dessa forma, ampliaria as atividades turísticas e culturais na construção de uma identidade que represente todo este sentimento que permanece vivo e merece ser preservado e homenageado. Uma ambigüidade latente ao processo de revitalização é o fato de se atribuir um valor “museal” aos objetos, ou a simples preservação das fachadas, transformando as particularidades, características e detalhes destes imóveis. O que se busca transparecer aqui é o espírito de não comprometer os vestígios do passado, arrojando algo novo, uma vez que é plausível agregar o presente e o passado em um único processo. Pode-se atribuir novas funções a essas edificações usufruindo todas as sofisticações do passado. O leque de opções que aqui se abre é formidável, dentre estes, a vertente turística, com todas suas possibilidades sociais e econômicas.

Cada cidade possui suas próprias características arquitetônicas e urbanísticas, as quais se configuram em produtos diferenciados, onde as paisagens carregadas de simbolismo instigam e ao mesmo tempo impulsionam o espectador a decodificar este cenário. Isso por si só é um convite a atividade turística. Portanto, para o sucesso desse processo, faz-se necessário que esses patrimônios sejam revitalizados com o objetivo de resgate da memória, sendo introduzidos como espaços de lazer, cultura e prestação de serviços, tanto para a comunidade local como para seus turistas. Nesse contexto, CASTROGIOVANNI lembra que,

“(...) a cidade é viva, possui a sua própria identidade, apresenta um dinamismo de relações que se alteram ao ritmo de diferentes circunstâncias, portanto sempre é possível a renovação urbana. A cidade

deve ser vista como um bem cultural, em que devem ser valorizadas funções culturais que atendam à qualidade de vida dos seus habitantes. (...)” (CASTROGIOVANNI, 2001, p.31).²

Nesta perspectiva, a figura da paisagem é sem dúvida nenhuma, um elemento imprescindível ao desenvolvimento da atividade turística. A imagem tem o poder de fazer as pessoas sonharem. A revitalização com o propósito turístico pode vir a ser um bom negócio, contudo existe a necessidade de se consolidar parcerias entre empresas privadas e o meio público, principalmente por ser tratar de imóveis tombados, protegidos por lei, transformando estes em recintos de lazer e cultura voltados aos habitantes da cidade, bem como a turistas. Por fim, deixo como reflexão as palavras de Scherer (2002, p. 103)³ "A melhor coisa que uma cidade tem a oferecer é ela mesma, na medida em que cada cidade tem sua feição, seus sons, aromas e paisagens, seus encantos explícitos ou reservados aos poucos que se dispõe a buscá-los, cristalizados ao longo do tempo que a tornam única."

4 CONCLUSÕES

A paisagem urbana de Pelotas possui uma arquitetura singular, imponente, histórica, adentrada de símbolos e imagens que convidam seus observadores a descobrir a cidade, sua história, costumes, enfim sua cultura. O centro urbano convencional e o bairro Porto imprimem um sentimento nostálgico, bucólico pela presença de suas edificações envelhecidas, acentuando as marcas do passado refletidas no presente. Com base nestes fatos, procurou-se aproximar a cidade para a importância e significado da sua paisagem, enquanto recurso turístico, onde os processos de revitalização aliado ao planejamento urbano e turístico devem atentar para a re colocação do centro histórico no cenário atual, como a metodologia experimentada em outros centros históricos do país. De todo modo, faz-se necessário ressaltar para que todo esse processo não tome uma postura “elitizante”, excluindo ou alienando segmentos da sociedade. Apreciados esses fatores, se conclui que a cidade de Pelotas possui um cenário impar, com grande potencial, que se for bem aproveitado simbolizará um relevante papel a preservação desta rica história e ao desenvolvimento local.

5 REFERÊNCIAS

- BOTELHO, Tarcísio R. **Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís**. Revista Eure:Chile, 2005.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo e ordenação no espaço urbano**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**, Trad. Jefferson L. Camargo. SP: Martins Fontes, 1997
- SCHERER, Rebeca. **Paisagem urbanística, urbanização pós-moderna e turismo**. In: YAZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002
- SILVA, Maria da Glória Lanci da. **Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer**. São Paulo: Aleph, 2004.
- VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas**, RS, Porto Alegre, 1997.

² CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo e ordenação no espaço urbano**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001

³ SCHERER, Rebeca. **Paisagem urbanística, urbanização pós-moderna e turismo**. In: YAZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002